

## ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE HISPANOFALANTES SOBRE VARIEDADES DA LÍNGUA ESPANHOLA<sup>1</sup>

LINGUISTIC ATTITUDES OF SPANISH SPEAKERS  
TOWARDS VARIETIES OF THE SPANISH LANGUAGE

Fernanda Priscila Carraro | [Lattes](#) | [ferscarraro@gmail.com](mailto:ferscarraro@gmail.com)  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

Loremi Loregian-Penkal | [Lattes](#) | [llpenkal@unicentro.br](mailto:llpenkal@unicentro.br)  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

Beatriz Méndez Guerrero | [ORCID](#) | [beatriz.mendez@uam.es](mailto:beatriz.mendez@uam.es)  
Universidade Autônoma de Madri – UAM

**Resumo:** Este trabalho analisa as crenças e atitudes linguísticas de hispanofalantes em relação a quatro variedades da língua espanhola: variedade andina, variedade rio-platense, variedade mexicana e variedade castelhana, além de vozes de brasileiros falantes de espanhol como língua estrangeira, fazendo-se uso de dados que compõem o *corpus* de uma pesquisa de doutorado em andamento. A metodologia está baseada em um questionário que segue a técnica de falsos pares (*matched guise*), proposta por Lambert e Lambert (1975). Sugere-se, com base no quadro teórico sobre crenças, atitudes e representações linguísticas, segundo Méndez Guerrero (2022), Pereira e Costa (2012), Moreno Fernández (2009) e Lambert e Lambert (1975), que as variedades mais prestigiadas serão a castelhana e a rio-platense, uma vez que, a primeira variedade mais se aproxima daquela utilizada pela maioria dos participantes do estudo. No caso da segunda variedade, esta recebe mais avaliações positivas em pesquisas sobre atitudes. Ademais, propõe-se a existência de um alto índice de segurança linguística entre os participantes, haja vista a sua variedade castelhana ser considerada a mais prestigiada no contexto da pesquisa.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Crenças e atitudes linguísticas; (In)segurança linguística; Variedades da língua espanhola.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Parecer aprovado pelo Comitê de Ética nº 6.247.223.

**Abstract:** This study analyzes the linguistic beliefs and attitudes of Spanish speakers towards four varieties of the Spanish language: Andean variety, Rio-platense variety, Mexican variety, and Castilian variety, as well as the voices of Brazilian speakers of Spanish as a foreign language, using data from a corpus of an ongoing doctoral research. The methodology is based on a questionnaire that follows the matched guise technique, proposed by Lambert and Lambert (1975). Based on the theoretical framework on beliefs, attitudes, and linguistic representations, according to Méndez Guerrero (2022), Pereira and Costa (2012), Moreno Fernández (2009), and Lambert and Lambert (1975), it is suggested that the most prestigious varieties will be Castilian and Rio-platense, since the former variety is the closest to the one used by most of the study participants. In the case of the second variety, it receives more positive evaluations in attitude surveys. Furthermore, it is proposed that there is a high level of linguistic security among the participants, given that their Castilian variety is considered the most prestigious in the context of the research.

**Keywords:** Sociolinguistics; Linguistic beliefs and attitudes; (In)security in language; Spanish language varieties.

## 1. Introdução

Por sua natureza subjetiva, os estudos sobre crenças, atitudes e representações linguísticas são fortes aliados para compreender as questões linguísticas que envolvem o reconhecimento de “reações afetivas e cognitivas que os indivíduos manifestam nas hipóteses e juízos avaliativos que realizam” (Crano; Prislin, 2006, p. 347 *apud* Méndez Guerrero, 2022, p. 2).

As representações, para além das atitudes, interagem com as práticas linguísticas, sobre “a regressão/desaparecimento de uma língua, as políticas de revitalização de línguas, segurança/insegurança linguística, bem como abordagens para o ensino de línguas” (Pereira e Costa, 2012, p. 172) e, também, interferem nas condições em que são produzidas, isso porque essas atitudes determinam as ideias que temos sobre as línguas e sobre as pessoas que as falam.

De acordo com Lambert e Lambert (1975, p. 63-64), as percepções dos acontecimentos sociais representam as atitudes tomadas perante tal percepção. Os autores, apoiados em Donald Campbell (1963), afirmam que há uma relação estreita entre a maneira de interpretar as coisas e a atitude que tomamos a respeito. “Na verdade, ‘a maneira pela qual vejo’ alguma coisa pode ser apenas uma maneira alternativa de descrever ‘o que estou prestes a fazer’. [...] Portanto, perceber é uma maneira de agir”. Uma atitude é, conforme apresentam os autores,

uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente. Os componentes essenciais de atitudes são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, bem como tendências para reagir (Lambert e Lambert, 1975, p. 100).

Como visto, dentro do embasamento teórico da psicologia social, as crenças e as atitudes refletem em como os falantes se comportam no convívio social. De maneira geral, emitimos apreciações sobre as variedades de uma língua e sobre a sua cultura.

As discussões sobre o tema em questão migraram para os estudos da Sociolinguística nas décadas de 1980 e 1990. A partir deste momento, esta área do conhecimento começou a ser desenvolvida com vistas ao melhor entendimento sobre crenças, atitudes e representações linguísticas por parte dos falantes, já que “la actitud se manifiesta tanto hacia las variedades y los usos lingüísticos propios como hacia los ajenos”<sup>2</sup> (Moreno Fernández, 2009, p. 179). Sendo assim, qualquer falante é capaz de expressar opinião, sentimentos e preferências sobre a maneira de falar dos outros e sobre a sua própria, e qualquer falante pode identificar se tal variedade é familiar ou distante da sua própria variedade no momento em que ouve o outro falar.

Criamos imagens e estereótipos sobre um falante a partir do momento em que ouvimos sua voz e sua maneira de pronunciar as palavras. Para Calvet (2002, p. 65), “existe um motivo que faz com que o falante escolha usar tal língua ou tal variante e isso interfere na forma como ele vê as outras línguas que não a sua própria”. É a partir destas escolhas que (re)criamos as nossas crenças e, por consequência, as nossas atitudes.

Neste trabalho, que é parte de um estudo de tese em andamento, analisaremos quais são as atitudes linguísticas de hispanofalantes sobre variedades da língua espanhola e sobre a língua espanhola como língua estrangeira. Para isto, tomaremos como norte os seguintes objetivos: 1) descobrir quais são as atitudes linguísticas apresentadas pelos hispanofalantes em relação às variedades da língua espanhola; 2) verificar o conhecimento que os participantes apresentam sobre as variedades, por meio do nível de identificação; 3) verificar se há traços de insegurança linguística nos hispanofalantes em relação à sua própria variedade.

Para a realização deste trabalho, utilizou-se um instrumento de pesquisa criado e inspirado no instrumento adotado pelo projeto *PRECAVES*<sup>3</sup> e em pesquisas da área no Brasil, que conta com um questionário *online*, ambos inspirados na técnica de falsos pares

<sup>2</sup> “A atitude se manifesta tanto às variedades e aos usos lingüísticos próprios como aos alheios” (Moreno Fernández, 2009, p. 179, tradução nossa).

<sup>3</sup> “Projeto para o Estudo das Crenças e Atitudes sobre as Variedades do Espanhol no século XXI”. Mais informações sobre o projeto em: <http://www.variedadesdelespanol.es/>.

(*matched guise*) de Lambert e Lambert (1975), através de vozes masculinas e femininas das variedades: andina, mexicana, castelhana e argentina, além de vozes de brasileiros falantes de espanhol. O questionário foi respondido por 32 hispanofalantes, estratificados por sexo, idade, profissão e lugar de origem, todos eles morando atualmente na Espanha.

## 2. Estudos sobre atitudes linguísticas em relação às variedades do espanhol

Dentro do meio hispânico, assim como no Brasil, os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas têm grande relevância. Destacamos, dentre os principais trabalhos, os de López Morales (1979 e 2004), Moreno Fernández (2009), e Garret (2010), que tratam de discorrer sobre o referencial teórico das atitudes e apresentar pesquisas realizadas sobre o tema.

De acordo com Garrett (2010, p. 2), “people hold attitudes to language at all its levels: for example, spelling and punctuation, words, grammar, accent and pronunciation, dialects and languages. Even the speed at which we speak can evoke reactions<sup>4</sup>”, em outras palavras, podemos expressar atitudes em qualquer nível, seja em relação à pronúncia, ao sotaque, à pontuação, à gramática, pois os falantes são capazes de julgar positiva e negativamente a forma de falar uma língua ou a variedade de uma língua. Escolhemos, mesmo que inconscientemente, a maneira como falamos, pois nos aproximamos daquilo que nos parece mais bonito, interessante, conveniente, etc. A partir de nossas escolhas, também (re)criamos as nossas crenças e, por consequência, nossas atitudes. Segundo Moreno Fernández, através dos estudos sobre crenças e atitudes linguísticas, é possível

conocer más profundamente asuntos como la elección de una lengua en sociedades multilingües, la inteligibilidad, la planificación lingüística o la enseñanza de lenguas; además **las actitudes influyen decisivamente en los procesos de variación y cambio lingüísticos** que se producen en las comunidades de habla<sup>5</sup> (Moreno Fernández, 2009, p. 177, destaque nosso).

De certa forma, os falantes decidem de que maneira e por quanto tempo qual língua será utilizada, e estes processos são, na maioria dos casos, inconscientes. A língua muda porque os seus falantes tomam decisões sobre como falar esta língua. O autor ainda apon-

<sup>4</sup> “As pessoas expressam atitudes em relação à linguagem em todos os seus níveis: por exemplo, ortografia e pontuação, palavras, gramática, sotaque e pronúncia, dialetos e idiomas. Até mesmo a velocidade com que falamos pode evocar reações” Garrett (2010, p. 2, tradução nossa).

<sup>5</sup> Conhecer mais profundamente assuntos como a escolha de uma língua em sociedades multilíngues, a inteligibilidade, o planejamento linguístico ou o ensino de línguas; além disso, as atitudes influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticas que ocorrem nas comunidades de fala (Moreno Fernández, 2009, p. 177, destaque nosso, tradução nossa).

ta que atitudes positivas podem determinar onde e como se usa uma língua ou variedade em detrimento de outras, pode definir em quais contextos, formais ou informais, uma língua será usada, sendo capaz, ainda, de definir como e em quanto tempo ocorrem as mudanças linguísticas em determinado idioma.

Entender e investigar sobre a situação atual do prestígio ou desprestígio de variedades das línguas são os objetivos dos trabalhos mais recentes publicados na área das crenças e atitudes linguísticas e da sociolinguística. Um exemplo disso é o trabalho de Santos Díaz e Ávila Muñoz (2021), que apresenta resultados de uma pesquisa realizada com 206 informantes, estudantes de Filologia Hispânica e Tradução da Universidade de Málaga, com coleta de dados realizada entre os anos de 2018 e 2020. A metodologia utilizada, neste e nos trabalhos a serem citados nesta seção, é a que rege as pesquisas sobre crenças e atitudes.

O objetivo do trabalho dos autores mencionados é conhecer as atitudes dos falantes de espanhol de Málaga tanto sobre a sua própria variedade (andaluza) como sobre as variedades normativas do espanhol. Como resultados, Santos Díaz e Ávila Muñoz (2021) afirmam que os informantes não associam à sua própria variedade o prestígio em relação a bons cargos de trabalho, um bom nível de estudos e aos profissionais altamente qualificados, diferentemente do que associam quando tratam de outras variedades.

Os resultados apresentados pelos autores indicam um forte impacto social sobre dois âmbitos: o identitário e o educativo. O primeiro, transformado em uma construção de identidade própria andaluza por parte dos governos que têm dirigido esta comunidade nos últimos anos (Santos Díaz e Ávila Muñoz, 2021, p. 185), com vistas a promover a cultura da região. A partir da Lei Orgânica 2/2007, a Comunidade Autônoma deve fomentar a identidade e a consciência através de seus valores linguísticos. De acordo com os autores,

Este aspecto se considera de gran interés, principalmente, para la formación inicial del futuro profesorado ya que en el currículo del área de Lengua Castellana y Literatura queda recogida la importancia de conocer las variedades del castellano y valorar esta diversidad como una riqueza cultural<sup>6</sup> (Santos Díaz e Ávila Muñoz, 2021, p. 186).

Como resultados, os autores apontam que, apesar das práticas políticas em relação à promoção da variedade andaluza, os informantes da pesquisa ainda demonstram traços

---

<sup>6</sup> Este aspecto é considerado de grande interesse, principalmente para a formação inicial dos futuros professores, uma vez que no currículo da área de Língua Espanhola e Literatura é destacada a importância de conhecer as variedades do espanhol e valorizar essa diversidade como uma riqueza cultural (Santos Díaz e Ávila Muñoz, 2021, p. 186, tradução nossa).

de estigma da própria variedade. Méndez Guerrero (2022) apresenta resultados de uma pesquisa que realizou sobre as variedades castelhana e andaluza da língua espanhola. O *corpus* é composto por 70 jovens maiorquinos. A autora utilizou como metodologia a que rege as pesquisas sobre crenças e atitudes e, especialmente neste trabalho, apresenta dados recolhidos por meio de métodos diretos, que tratam das dimensões cognitiva e afetiva.

Como objetivos principais, Méndez Guerrero (2022) aponta três: 1) descobrir qual é o grau de reconhecimento das variedades andaluza e castelhana dos participantes da pesquisa; 2) descobrir quais são as avaliações diretas sobre as variedades citadas nas dimensões cognitiva e afetiva; e 3) descobrir qual é o nível de proximidade avaliada pelo grupo em relação às variedades apresentadas e à sua própria. A autora aponta como resultados a evidência de que tanto o reconhecimento das variedades como a avaliação são positivas e que os maiorquinos expressaram proximidade com a variedade castelhana, a sua própria, e não com a andaluza.

Guerrero e San Martín (2018) realizaram um estudo sobre as atitudes linguísticas de 100 informantes chilenos sobre variedades da língua espanhola e tinham como objetivo descobrir quais variedades eram consideradas mais prestigiosas e quais as percepções apresentadas pelos informantes a respeito da sua própria variedade. Os autores utilizaram métodos diretos e indiretos a partir de um questionário como instrumento metodológico, ferramenta bastante comum entre as pesquisas sobre crenças e atitudes. Como resultados, dentre os principais, os autores apontam que, para a maioria dos informantes da amostra, não há uma variedade de língua espanhola que seja melhor que outra, entretanto, a andina e a chilena são as que mais se destacam, esta última sendo a utilizada pelo grupo entrevistado.

### **3. Metodologia**

Para a realização desta pesquisa, escolhemos a linha mentalista para recolher os dados e analisá-los a partir de técnicas diretas e indiretas, com o objetivo de evitar as limitações que a escolha de somente uma das técnicas poderia oferecer. A partir desta escolha, assume-se que os falantes são capazes de expressar crenças e atitudes perante estímulos, que se trata, neste estudo, dos áudios das variedades disponíveis no questionário.

A avaliação direta se dá a partir da escolha entre os cinco pares de adjetivos da categoria cognitiva: confusa-clara, suave-áspera, monótona-variada, lenta-rápida, rural-urbana; e os seis pares de adjetivos da categoria afetiva: próximo-distante, agradável-desagradável, simples-complicada, bonita-feia, divertida-chata, leve-rígida, em uma escala de



um a quatro, sendo os números um e dois avaliações negativas e três e quatro avaliações positivas. Essa avaliação é feita a partir da voz que o participante ouve e a proximidade existente entre tal voz e a sua própria maneira de falar, por isso a categorizamos como direta, pois o que se avalia é o sujeito que fala no áudio.

Em relação à avaliação indireta, foram preparadas perguntas relacionadas aos traços de personalidade dos donos das vozes, tais como: grau de educação, inteligência, simpatia; as perguntas estão formuladas com uma valorização graduada e com uma escala de diferencial semântico. Outro grupo de perguntas relacionado às avaliações indiretas são as que se referem ao país de origem e à cultura do país do falante. Este instrumento de pesquisa nos permitiu identificar e analisar as crenças e atitudes que os hispano-falantes apresentaram às variedades da língua.

### 3.1. O questionário

Apesar de não apresentarmos, em sua totalidade, os dados recolhidos via formulário, o questionário foi criado via *Google Forms* e é composto de 12 questões para cada áudio. Além das perguntas relativas às variedades, há 4 perguntas abertas que atuam como forma de identificação de traços de segurança/insegurança linguística dos participantes da pesquisa.

O instrumento de pesquisa foi inspirado na técnica de falsos pares (ou *matched-guise*), desenvolvida por Lambert e Lambert (1975), utilizada por Labov (2008) e na metodologia praticada pelo grupo espanhol de estudos PRECAVES. O *Proyecto PRECAVES XXI – Proyecto para el Estudio de las Creencias y Actitudes hacia las Variedades del Español en el siglo XXI*, realiza, através de site próprio, pesquisas no formato *online*, sendo o instrumento de investigação desta tese baseado na metodologia e nas perguntas utilizadas pelo projeto citado, com algumas adaptações e inclusão de perguntas que julgamos importantes no desenvolvimento de pesquisas da área no Brasil.

Além dos pares de adjetivos mencionados no item anterior, analisaremos as respostas dadas na questão: Você acha que fala bem a língua espanhola? Justifique sua resposta. O objetivo é entender quais são os motivos que os falantes usam como justificativa para o fato de acharem que falam bem ou não esta língua.

Serão analisadas as respostas dadas na pergunta: De onde você acha que é esta pessoa? Referindo-se aos áudios de vozes masculinas e femininas disponibilizados aos participantes. O objetivo é saber se os participantes da pesquisa são capazes de identificar as variedades da língua espanhola e os falantes de espanhol como língua estrangeira.

**3.2. A amostra**

A amostra é composta por dados de 32 falantes de espanhol como língua materna, todos moram, no momento da pesquisa, na Espanha, e avaliaram quatro variedades da língua espanhola: variedade rio-platense, castelhana, andina e mexicana. Além destas variedades, acrescentamos material de áudio que apresenta brasileiros falando em espanhol. As vozes disponibilizadas para a avaliação são de homens e mulheres, entre 30 e 54 anos, para cada uma das variedades, totalizando 10 vozes (áudios), e o conteúdo dos áudios estão relacionados aos temas: infância, família, sentimentos e trabalho.

Os participantes não têm acesso a informações como identidade, país de origem, idade, profissão, entre outras, sobre as vozes dos áudios apresentados. A resposta dada pelos participantes é baseada no seu próprio conhecimento sobre as variedades da língua, com base no contato que estabeleceu com tais variedades durante a sua formação ou sua vida. Na Tabela 1, ilustramos as principais características da amostra de participantes desta pesquisa.

Tabela 1 - Amostra

Sexo	Homens	10	31,25%
	Mulheres	22	68,75%
Idade	18 – 28 anos	19	59,37%
	29 – 38 anos	07	21,87%
	39 – 48 anos	03	9,37%
	49 – 58 anos	03	9,37%
Profissão	Estudantes	12	37,50%
	Professores	10	31,25%
	Outras profissões relacionadas	10	31,25%
Lugar de origem*	Espanha	22	68,75%
	Outros países hispanos	10	31,25%
Grupo	Com formação dialetal	21	65,63%
	Sem formação dialetal	11	34,37%
Língua materna**	Espanhol	27	84,37%
	Castelhano	03	9,37%
	Catalão	01	3,13%
	Euskera	01	3,13%

Fonte: dados coletados pelas autoras.

\* Todos os participantes moram na Espanha.

\*\* Todos os participantes consideraram a língua espanhola como língua materna. As outras línguas citadas foram consideradas maternas também, além do espanhol. Não distinguimos espanhol de castelhano.

Conforme apresentado na Tabela 1, a amostra é composta por, em sua maioria, participantes mulheres (68,75%), fato comum entre as pesquisas sociolinguísticas, de



acordo com Méndez Guerrero (2022, p. 372-373). A faixa etária da maioria dos participantes da pesquisa é de 18 a 28 anos (59,37%), estudantes (37,50%), que falam espanhol como língua materna. Somente 6,26% dos participantes têm outra língua materna além do espanhol, que são: catalão e euskera. Sobre o lugar de origem dos participantes, 22 são espanhóis e 10 são latino-americanos que moram na Espanha, cujos países de origem são: México, Colômbia, Peru e Venezuela.

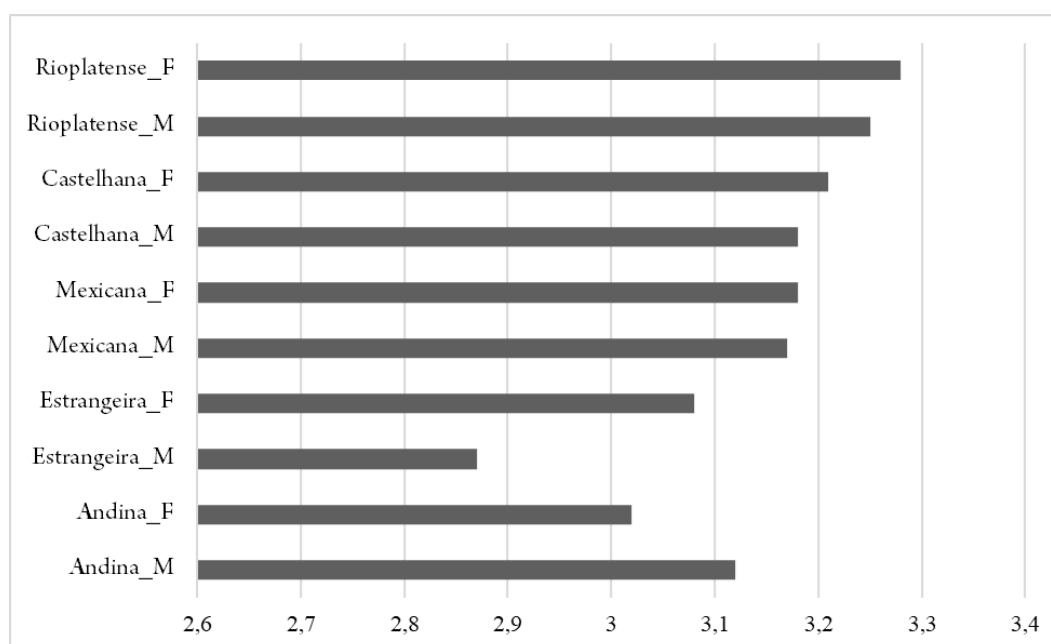
#### 4. Resultados e Discussão

Como mencionado anteriormente, para orientar nosso trabalho nos propusemos a responder às perguntas sobre quais são as atitudes linguísticas apresentadas pelos hispanofalantes; qual é o conhecimento dos participantes sobre as variedades apresentadas e qual é o seu nível de (in)segurança linguística. Para esta análise, em termos estatísticos, nos referiremos aos dados principalmente por números absolutos e porcentagens, bem como por meio de aplicação de provas estatísticas (valor de  $p$ ) pelo programa estatístico: Statistical Package for the Social Sciences – SPSS, v. 18.

##### 4.1. Avaliações dos hispano-falantes sobre as variedades do espanhol

Em uma escala de 1 a 4, os participantes tiveram que avaliar as variedades a partir do áudio disponibilizado e de pares de adjetivos, tais como: pouco inteligente – inteligente; desagradável – agradável; etc., em que o número 1 indicaria muito desagradável, o número 2 desagradável, o número 3 agradável e o número 4 muito agradável.

Gráfico 1 – Médias das avaliações das variedades



Fonte: dados coletados pelas autoras.

Como é possível observar no Gráfico 1, as variedades com as médias mais altas de avaliações positivas foram a rioplatense, com 3,28 para a voz feminina e 3,25 para a voz masculina. A variedade castelhana recebeu uma média de 3,21 para a voz feminina e de 3,18 para a voz masculina. Em ambos os casos, as vozes femininas foram melhor avaliadas.

Sobre as demais variedades, as médias para a variedade andina foram 3,12 para a voz masculina e 3,02 para a voz feminina, único caso nesta pesquisa em que a voz feminina recebeu menos avaliações positivas que a masculina. As médias para a variedade mexicana-centro-americana foram 3,17 para a voz masculina e 3,18 para a voz feminina. Os falantes de espanhol como língua estrangeira receberam 2,87 na voz masculina e 3,08 na voz feminina.

Chama a nossa atenção o fato de que, com exceção da variedade andina, todas as variedades receberam mais avaliações positivas para as vozes femininas. Infere-se que tal resultado esteja relacionado com o fato de que a amostra seja composta, em sua maioria, por dados de mulheres. Algumas considerações sobre a forma de falar e a pronúncia foram feitas pelos participantes em relação aos áudios da pesquisa. A variedade rioplatense, a melhor avaliada, agradou aos participantes nos seguintes aspectos:

Participante 02: Aspiración de /s/ implosiva y al final de palabra (/hahta/).

Participante 06: La entonación “cantarina”.

Participante 07: La entonación y la fuerza expresiva que tiene.

Participante 11: La entonación es como cantada.

Participante 13: Me resulta envolvente la pronunciación y la entonación en general.

Participante 22: Cómo aspira la /s/ implosiva, cómo asibila la /r/ en “arraigo” y que sean sonoras sus /j - ʎ/.

Participante 24: El sonido Y lo pronuncia como SH.

Participante 25: El tono de voz me gusta. También la impresión y el detenimiento que realiza cuando quiere mostrar mayor importancia por algo en concreto<sup>7</sup>.

Outros aspectos mencionados foram: “el tono”; “Las r fuertes”; “el ritmo variado”; “el acento”; etc. As justificativas apresentadas vão ao encontro do que afirma Moreno

<sup>7</sup> Participante 02: Aspiration da /s/ implosiva e no final da palavra (/hahta/). Participante 06: A entonação “cantarina”. Participante 07: A entonação e a força expressiva que possui. Participante 11: A entonação é como se fosse cantada. Participante 13: A pronúncia e a entonação em geral me parecem envolventes. Participante 22: Como aspira a /s/ implosiva, como sibila a /r/ em “arraigo” e que suas /j - ʎ/ sejam sonoras. Participante 24: O som Y é pronunciado como SH. Participante 25: Gosto do tom de voz. Também da impressão e da ênfase que ele faz quando quer destacar maior importância para algo específico.

Fernández (2022) sobre a variedade rioplatense. Bastante particular e de fácil identificação, o espanhol rioplatense conta com uma história e cultura diversa. A mistura dos imigrantes italianos, os guaranis e brasileiros originou o que se conhece hoje como a pampa gaúcha. Entre a vida no campo e a recepção de imigrantes europeus, houve muitas consequências linguísticas. Desta forma, entre os traços mais característicos dessa região,

se encuentra el yeísmo pronunciado con una particular tensión palatal que recibe el nombre de **rehilamiento**, porque se produce un rozamiento intenso en el paladar, que puede tener un resultado sordo, representado como [š] o como [ʃ], o sonoro, representado como [ž] o como [ʒ]: *caballo* [ka.ˈba. ʒo]; *silla* [ˈsi.ʒa]; *yo* [ˈʒo]<sup>8</sup> (Moreno Fernández, 2020, p. 120, destaque do autor).

O autor afirma que esta pronúncia tão marcada é muito chamativa para os outros falantes da língua espanhola e se tornou “marca registrada” da variedade, apesar de não ser característica de 100% do território que compõe a variedade rioplatense. O fato de ser considerada agradável aos ouvidos dos participantes também tornou fácil a identificação desta variedade, embora não tenha sido a mais identificável entre as variedades deste estudo, como verificaremos no próximo item.

#### 4.2. Nível de identificação das variedades

Em relação ao nível de identificação das variedades, para a interpretação dos resultados, utilizamos os seguintes parâmetros: identificação adequada - no caso de identificação exata do país de origem da voz; identificação aproximada - no caso de indicação de outro país que apresente os mesmos traços linguísticos da voz; identificação inadequada - no caso de indicação de país ou região a que não pertence ou que não apresenta traços linguísticos da voz; e não respondeu - quando o participante não indica nenhuma resposta.

Para cada variedade, consideramos como identificação aproximada os países e regiões que compartilham traços linguísticos, culturais e históricos (Andión Herrero, 2004). Desta maneira, para a variedade andina (Peru), consideramos como identificação aproximada: Colômbia, Equador e Bolívia. Para as vozes estrangeiras (Brasil), consideramos qualquer resposta que mencione o Brasil como correta ou estudantes brasileiros de espanhol como Língua Estrangeira (LE) e estudantes de espanhol como LE, sem mencionar o país, como respostas aproximadas. Em relação à variedade mexicana (México), consideramos como resposta aproximada a menção de Guatemala, Honduras, El Salvador,

<sup>8</sup> Se encontra o yeísmo pronunciado com uma tensão particular palatal que recebe o nome de rehilamiento, porque se produz um roce intenso no paladar, que pode ter um resultado surdo, representado como [š] ou como [ʃ], ou sonoro, representado como [ž] ou como [ʒ]: *caballo* [ka.ˈba. ʒo]; *silla* [ˈsi.ʒa]; *yo* [ˈʒo] (Moreno Fernández, 2020, p. 120, destaque do autor, tradução nossa).

Nicarágua, Costa Rica e Panamá. Sobre a variedade castelhana (Espanha), somente consideramos como correta a menção de Espanha, sem considerar a identificação aproximada. Por último, na variedade rioplatense (Argentina), consideramos, como resposta aproximada, Uruguai e Paraguai.

Existe uma proporção mais alta de identificação exata da variedade castelhana. Dos 32 participantes, tivemos 100% de acerto em relação à voz feminina e 96,87% de acerto em relação à voz castelhana masculina, conforme mostra a tabela 2. Tal fato se justifica porque se trata da variedade da maioria dos participantes da pesquisa. As variedades menos reconhecidas foram a andina e as produzidas por vozes estrangeiras. Sobre a variedade andina, que apresenta vozes peruanas, a não identificação pode estar relacionada com o pouco contato que os espanhóis têm com esta variedade, ou com a relação que fazem entre esta variedade e os países Colômbia e Equador, que apresentam índices maiores de população de imigrantes na Espanha.

Tabela 2 – Identificação das variedades:  
números absolutos e porcentagens de acordo com sexo da voz

Variedade	Sexo	Identificação adequada N (%)	Identificação aproximada N (%)	Identificação inadequada N (%)	Não respondeu N (%)
Andina	Mas	3 (9,37%)	6 (18,75%)	23 (71,87%)	0
	Fem	10 (31,25%)	9 (28,12%)	10 (31,25%)	3 (9,37%)
Mexicana	Mas	15 (46,87%)	4 (12,50%)	10 (31,25%)	3 (9,37%)
	Fem	14 (43,75%)	3 (9,37%)	12 (37,50%)	3 (9,37%)
Castelhana	Mas	31 (96,87%)	0	1 (3,12%)	0
	Fem	32 (100%)	0	0	0
Rio-platense	Mas	22 (68,75%)	3 (9,37%)	7 (21,87%)	0
	Fem	22 (68,75%)	8 (25%)	2 (6,25%)	0
Estrangeira	Mas	17 (53,12%)	4 (12,50%)	11 (34,37%)	0
	Fem	6 (18,75%)	2 (6,25%)	22 (68,75%)	2 (6,25%)

Fonte: dados coletados pelas autoras.

Para a realização das provas estatísticas, no programa estatístico SPSS, agrupamos os acertos obtidos em identificação adequada e aproximada em uma categoria: adequada, e as respostas de identificação inadequada permaneceram iguais. Agrupamos, também, as vozes femininas e masculinas dentro das variedades correspondentes. Para os dados da categoria “não respondeu”, consideramos no programa como dados vazios. Obtivemos os seguintes dados:

Tabela 3 – Nível de identificação das variedades:  
dados estatísticos em relação às cinco variedades

	adequada		aproximada		inadequada		Valor de <i>p</i>
	N	%	N	%	N	%	
Andina	13	7,6%	15	38,5%	33	33,7%	0,000
Estrangeira	23	13,4%	6	15,4%	33	33,7%	
Mexicana	29	16,9%	7	17,9%	22	22,4%	
Castelhana	63	36,6%	0	,0%	1	1,0%	
Rio-platense	44	25,6%	11	28,2%	9	9,2%	

Fonte: dados coletados pelas autoras.

Pode-se verificar que os dados da Tabela 3 são coerentes com os números demonstrados na Tabela 2. As vozes reconhecidas adequadamente neste estudo foram: as vozes mexicanas, a voz estrangeira masculina e, especialmente, as vozes castelhanas e rioplatenses, com seus altos níveis de reconhecimento, 36,6% e 25,6%, respectivamente, como demonstrado na tabela 3. No que se refere à identificação aproximada, as variedades andina e rioplatense se destacam, com 38,5% e 28,2%, respectivamente. Sobre a identificação inadequada, destacam-se as variedades andina e estrangeira, com 33,7% para ambas, pelo fato de que a falante feminina do áudio da voz estrangeira adota um sotaque latino, dificultando a sua identificação como estrangeira. Sobre a voz feminina andina, os participantes que identificaram inadequadamente, indicaram países de origem como: Honduras, Chile, México, Guatemala e Venezuela. Tais países não correspondem à zona de variedade andina.

Os números que mais chamam a atenção, certamente, são os de identificação da variedade castelhana. Segundo Méndez Guerrero (2022, p. 377), o fato de haver uma maior identificação da variedade espanhola castelhana deve-se à tradição de considerar esta variedade como referência, ideia que segue em vigor em alguns contextos e grupos sociais. Levando em consideração que o resultado do valor é menor que 0,005 ( $p=0,000$ ), esta análise apresenta relevância estatística.

#### 4.3. (In)segurança linguística

Os participantes que apresentaram insegurança linguística em relação à própria maneira de falar foram três, sendo dois espanhóis e um latino. Vinte e três dos participantes apresentaram traços de segurança linguística, afirmando que falam bem a língua espanhola, sendo dezesseis espanhóis e sete latinos. Quatro participantes, sendo três es-

panhóis e um latino, responderam como “depende”, justificando que falam bem dependendo do contexto ou dependendo de qual seria o conceito de “falar bem”. Houve dois participantes que não responderam, conforme a tabela 4:

Tabela 4 – Traços de (in)segurança linguística: números absolutos e porcentagens

	<b>Espanhóis</b> <b>N (%)</b>	<b>Latinos</b> <b>N (%)</b>	<b>Total</b> <b>N (%)</b>
Sim, falo bem	16 (50%)	6 (18,75%)	22 (68,75%)
Não falo bem	2 (6,25%)	2 (6,25%)	4 (12,5%)
Depende do contexto	3 (9,37%)	1 (3,12%)	4 (12,5%)
Não responderam	1 (3,12%)	1 (3,12%)	2 (6,25%)
<b>Total</b>	<b>22 (68,75%)</b>	<b>10 (31,25%)</b>	<b>32 (100%)</b>

Fonte: dados coletados pelas autoras.

Em relação ao traço de insegurança linguística (12,5%), as justificativas referem-se ao fato de não ser entendido, de mesclar idiomas, de não ter conhecimentos gramaticais suficientes, além da falta de vocabulário. Seguem os dados:

Participante 01: No, mucha gente no me entiende. Hablo muy rápido y con mucho acento extremeño.

Participante 07: No creo hablarla muy bien, aunque para escribirla sí creo que todavía estoy haciéndolo óptimamente. Me pasa que, como estoy en contacto con el inglés u otras lenguas, a veces se me olvidan palabras, o tengo discordancias de género/número, cosas así. O pongo el verbo en inglés y lo conjugo en español. Una ensalada la verdad<sup>9</sup>.

Com relação a falar bem a língua espanhola, se dividirmos os dois grupos e os analisamos separadamente, o grupo dos latinos (n=10) apresenta 60% (n=6) de segurança linguística, enquanto o grupo de espanhóis (n=22) apresenta 72,72% (n=16) de traço de segurança linguística. Pode-se inferir que os detentores da variedade mais prestigiada reconhecem tal prestígio. Já em relação à indicação de segurança linguística de 68,75%, os participantes hispanofalantes apresentavam argumentos como:

<sup>9</sup> Participante 01: Não, muita gente não me entende. Falo muito rápido e com sotaque estremenho. Participante 07: Não creio falar muito bem, ainda que para escrever sim creio que ainda estou fazendo-o otimamente. O que acontece é que, como estou em contato com o inglês ou outras línguas, as vezes eu esqueço palavras, ou tenho discordâncias de gênero/número, coisas assim. Ou coloco o verbo em inglês e o conjugo em espanhol. Uma salada na verdade.



Participante 03: Sí, claro. Es mi lengua materna y con ella me comunico a la perfección.

Participante 09: sí, los demás me entienden.

Participante 08: Sí, no cometo errores gramaticales<sup>10</sup>.

Nota-se que, conforme os dados apresentados, de forma geral, falar bem uma língua está relacionado ao conhecimento gramatical, ao conhecimento de vocabulário e em ser entendido pelos interlocutores.

A ideia de falar bem uma língua vem do conceito de bom falante. Calvet (2002) indica que um bom falante é aquele que se comporta como um camaleão linguístico, em outras palavras, aquele que adapta a sua maneira de falar de acordo com os interlocutores e com o contexto em que se encontra. Nos resultados obtidos, alguns participantes expressaram a sua noção de *bon usage* a que Calvet se refere:

Participante 17: Sí porque soy capaz de adaptarme a diversos contextos de comunicación con una amplia variedad de vocabulario pero, si no encuentro las palabras, busco otra manera de comunicar lo que quiero decir.

Participante 25: Yo abogo por una perspectiva de análisis totalmente descriptiva. Yo creo que sí hablo bien el español porque la gente en la mayoría de situaciones comprende mi mensaje. Además, también puedo adaptarme a las condiciones de una u otra situación comunicativa. Si eludo una s final o no me importa poco o nada.

Participante 31: Considero que hablo bien el español porque es mi lengua materna principalmente, además algunas de mis aficiones son leer y escribir. Sin embargo, seguro que cometo algunos errores de ortografía o concordancia y mi vocabulario no es igual de amplio como el de un filólogo o escritor profesional, pero hablo “bien” porque me comunico con efectividad con cualquier interlocutor hispanohablante<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Participante 03: Sim, claro. É a minha língua materna e com ela me comunico perfeitamente. Participante 09: Sim, os outros me entendem. Participante 08: Sim, não cometo erros gramaticais.

<sup>11</sup> Participante 17: Sim, porque sou capaz de me adaptar a diversos contextos de comunicação com uma ampla variedade de vocabulário, mas, se não encontro as palavras, busco outra maneira de comunicar o que quero dizer. Participante 25: Eu defendo uma perspectiva de análise totalmente descritiva. Eu acredito que falo bem o espanhol porque as pessoas na maioria das situações compreendem a minha mensagem. Além disso, também consigo me adaptar às condições de uma ou outra situação comunicativa. Se eu omito um “s” no final ou não me importo pouco ou nada. Participante 31: Considero que falo bem o espanhol porque é a minha língua materna principalmente, além disso, algumas das minhas paixões são ler e escrever. No entanto, com certeza cometo alguns erros de ortografia ou concordância e meu vocabulário não é tão amplo como o de um filólogo ou escritor profissional, mas falo “bem” porque me comunico com eficácia com qualquer interlocutor hispanofalante.

Os participantes que responderam terem recebido formação sociolinguística na graduação apresentaram a noção de *bon usage* de uma língua similar à de Calvet (2002). Diferentemente dos dados anteriores, nestes últimos podemos perceber a existência de uma percepção diferente do que é falar bem uma língua. Tal percepção está relacionada a ser entendido, saber expressar-se, buscar alternativas quando não se sabe exatamente que palavras utilizar e, principalmente, adaptar a fala ao contexto, como advoga Calvet (2002).

## 5. Considerações Finais

A realização de estudos sobre crenças, atitudes e representações linguísticas dentro da Sociolinguística, de acordo com Serrano (2011), objetiva identificar a posição sociopsicológica do falante sobre uma língua e suas variedades. Este mapeamento é importante para identificar as questões históricas relacionadas às atitudes e representações dos falantes, principalmente em relação ao prestígio linguístico concedido a determinadas variedades de uma língua.

A importância das atitudes linguísticas no meio social tem sido tema de muitos trabalhos da área da Sociolinguística e apresenta muitos aspectos ainda não estudados sobre a sua natureza e suas repercussões e/ou consequências.

Concluimos que os participantes da pesquisa demonstraram um índice elevado de reconhecimento das variedades castelhana e rioplatense. A primeira, na visão dos entrevistados, por ser a mais prestigiada e o “modelo a ser seguido”, além de representar a variedade utilizada pela maioria dos participantes da pesquisa. E a segunda, pelo seu alto nível de agradabilidade e de fácil reconhecimento pelos traços fonéticos muito salientes. As realizações típicas do fonema /ɜ/, realizado como [ɜ] ou [j], podem ter sido identificadas imediatamente pelos participantes da pesquisa, o que ajudou na identificação desta variedade.

Em relação ao baixo nível de identificação das demais variedades, entendemos que pode ser mais um reflexo da globalização linguística (Santos Díaz e Ávila Muñoz, 2021), havendo tantas variedades da língua espanhola nos dias atuais, o que torna difícil a exata identificação de cada uma delas. Sobre a (in)segurança linguística, os participantes demonstraram alto nível de segurança linguística e as justificativas giraram em torno do fato de se tratar de sua língua materna e, inferimos, tratar-se da variedade melhor prestigiada dentre as variedades da língua espanhola.

A voz estrangeira masculina, na avaliação dos entrevistados, foi fortemente estigmatizada, porém a voz feminina não. Pode-se inferir que isso se justifica devido ao sota-

que adotado pela voz feminina, que se assemelha mais a um falante de língua espanhola como língua materna. A voz masculina apresenta um sotaque de um brasileiro falante de espanhol, o que a tornou desprestigiada no contexto da pesquisa. Para os participantes da pesquisa, esta voz é considerada áspera e rural. Neste sentido, nos parece importante promover o prestígio dos falantes de língua estrangeira que não adotam nenhum sotaque em específico.

Por último, o fator sexo se mostra relevante: as vozes femininas são melhor avaliadas, em sua maioria, pelos participantes da pesquisa que, coincidentemente, são compostos em sua maioria por mulheres. Entende-se que as mulheres tendem a valorizar de forma mais positiva as vozes femininas.

A partir destes resultados, dentre as lacunas identificadas, destacamos a necessidade de refletir sobre a crença existente do que é falar bem uma língua e como esta se reflete nas práticas sociais, bem como repensar as práticas e as políticas linguísticas, a fim de promover o respeito às variedades linguísticas.

Concluimos, assim, que o entendimento aprofundado sobre crenças e atitudes linguísticas contribui não apenas para a ampliação teórica da área da Sociolinguística, mas também para o debate de políticas linguísticas mais inclusivas e respeitosas em relação à diversidade linguística em contextos sociais diversos, alimentando um diálogo essencial para o desenvolvimento de sociedades linguisticamente justas e equitativas.

## Referências

- CAMPBELL, D. Social attitudes and other acquired behavioral dispositions. *Psychology: A study of a science*, v. 6, New York, 1963.
- CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- GARRETT, P. *Attitudes to language*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- GUERRERO, S.; SAN MARTÍN, A. Creencias y actitudes de los jóvenes universitarios chilenos hacia las variedades cultas del español. *Boletín de Filología*, 53(2), 2018, p. 237–262. <https://doi.org/10.4067/S0718-93032018000200237>.
- LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 4ed. Tradução de Dante Moreira Leite, 1975.

MÉNDEZ GUERRERO, B. Actitudes de los mallorquines hacia el castellano y el andaluz. Datos del proyecto PRECAVES XXI. *Revista Española de Lingüística Aplicada/ Spanish Journal of Applied Linguistics*, v. 35, 2022, p. 365 – 395. <https://doi.org/10.1075/resla.20010.men>.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 2009.

PEREIRA, T.; COSTA, D. Representação linguística: perspectivas práticas e teóricas. *Gragoatá*, Niterói, n. 32, p. 171-188, 1. sem. 2012.

SANTOS DÍAZ, I. C.; ÁVILA MUÑOZ, A. M. Creencias y actitudes lingüísticas de los universitarios malagueños hacia la variedad andaluza. *Philologia Hispalensis*, v. 35, n. 1, 2021. <https://dx.doi.org/10.12795/PH.2021.v35.i01.08>.

